

## Vilém Flusser

### Sobre Edmund Husserl<sup>1</sup>

O alcance de Husserl é amplo e seu impacto no pensamento filosófico, científico, político e artístico é profundo e multifacetado. Há uma literatura crescente sobre os vários aspectos da sua abordagem e método. É, portanto, uma tarefa desesperançada tentar resumir o seu trabalho. Eu não tentarei isso. Em vez disso, tentarei mostrar por que razão se pode ver que, com Husserl, uma revolução radical dos nossos padrões de pensamento se coloca, e que não podemos mais ver o mundo e a nós mesmos da mesma forma que viam aqueles antes de Husserl. Husserl estava certo em acreditar que sua fenomenologia era a “ciência fundamental da filosofia”.

Deixe-me começar com o problema do conhecimento. Como nós conhecemos? Este é um problema “eterno”, e Husserl mostra que é “eterno” porque foi formulado de uma maneira que não admite solução. Ou seja, assim: para se conhecer, deve haver um sujeito que queira conhecer e um objeto a ser conhecido. O problema então é: como o sujeito se adequa ao objeto? “*Adequatio intellectus ad rem*”. Desde Aristóteles, passando por Descartes e Hegel, e até Husserl, várias teorias do conhecimento, (epistemologias), foram elaboradas, e elas têm estruturado a ciência. No entanto, nenhuma dessas teorias poderia reivindicar sucesso. Pelo contrário: Hume conseguiu demonstrar que, com base nessas teorias, o conhecimento em geral e o conhecimento científico em particular são estritamente impossíveis. E quando Kant tentou “salvar a ciência”, ele o fez sacrificando o elo entre teoria e prática, entre ciência “pura” e “aplicada”. Enquanto isso, a ciência seguiu conhecendo e mudando o mundo e o homem, como se tivesse resolvido o problema epistemológico “eterno”.

O problema não pode ser resolvido se formulado assim, porque coloca a questão da precedência entre sujeito e objeto. O sujeito precede o objeto (“idealismo”)? O objeto precede o sujeito (“realismo”)? Eles são simultâneos e de alguma forma misteriosamente coordenados? Todas essas são questões metafísicas no mau sentido do termo. Se radicalmente levadas em consideração, ou levam ao solipsismo (não há nada além de um sujeito solitário que “sonha” o mundo), ou a um tipo primitivo de materialismo, (não há nada além do mundo mudo dos objetos, e nenhuma coisa do tipo uma mente que o conhece). Todas as posições intermediárias e mais razoáveis podem ser vistas como compromissos entre esses dois extremismos radicais.

Husserl reformula o problema do conhecimento e, de repente, não há mais problema algum. Ele o faz aceitando o conhecimento como um fato concreto e mostrando que não é o

---

<sup>1</sup> Translated from the English by Mario Cascardo (UERJ Rio de Janeiro, Brazil).

conhecimento, mas o sujeito e o objeto do conhecimento que necessitam de uma explicação. Deixe-me dar um exemplo. “Eu conheço esta mesa”. Agora isso é um fato concreto: eu conheço a mesa. De fato, é tão concreto que eu posso segurá-la. Assim como posso segurar todos os outros fatos concretos que compõem o meu “Lebenswelt”, o mundo em que vivo. No entanto, o que é muito menos concreto é o que quero dizer quando digo “eu” e “mesa”. O que quero dizer quando digo “eu”? Bem: algo que, entre outras coisas, conhece a mesa. O que quero dizer quando digo “mesa”? Bem: algo que é conhecido por mim e por outros conhecedores. Assim, o conhecimento em sua pura concretude tem precedência tanto em relação ao sujeito quanto ao objeto do conhecimento. Não há conhecedor, onde não há conhecimento. Não há nada conhecido, se não há conhecimento. Assim, não é um fato que um conhecedor e um conhecido devem se encontrar para produzir conhecimento. Pelo contrário: é o conhecimento que produz um conhecedor de um dos lados, e um conhecido do outro. O conhecimento é uma relação concreta, e relaciona as duas abstrações “conhecedor” e “conhecido”, entre duas extrapolações abstratas do conhecimento concreto.

A teoria do conhecimento não é mais uma tentativa de explicar como o conhecimento surge, mas de explicitar o que está implícito no conhecimento. Pode ser mostrado que é uma relação dinâmica, uma espécie de flecha. Aponta de algum lugar (um suposto sujeito) para algum lugar (um suposto objeto). É “intencional”. Posso chamar o ponto em que ele intenta de um “sujeito” e o ponto em que se pretende um “objeto”. “Eu conheço esta mesa” é uma intenção concreta, “eu” é o ponto abstrato onde ela começa, e “mesa” é um ponto abstrato que ela visa. Mas é claro que há mais conhecimentos no meu “Lebenswelt” do que “eu conheço essa mesa”. Existe, por exemplo, o conhecimento “eu conheço esta casa” e o conhecimento “você conhece esta mesa”. O que me leva à seguinte visão, (“Schau”), do mundo concreto do conhecimento: é uma rede de intencionalidades concretas, um “campo”. Nessa rede existem pontos a partir dos quais as intencionalidades do conhecimento fluem: esses são os sujeitos abstratos. E há pontos em que as intencionalidades do conhecimento se encontram: esses são os objetos abstratos. Essa rede é dinâmica: o conhecimento aumenta e diminui. E a estrutura da rede é ordenada: “mathesis universalis”. A tarefa da teoria do conhecimento é estudar essa matemática fundamental do campo do conhecimento.

Agora, o que vale para o conhecimento, vale para toda relação concreta. Por exemplo, para experiência e para avaliação. A experiência é concreta e precede o experimentador abstrato e o objeto abstrato experimentado. A avaliação é concreta e procede-se ao avaliador abstrato e ao objeto abstrato avaliado. O “Lebenswelt” é feito de tais relações concretas e intencionais. Por exemplo: quando sinto uma dor no estômago, é a dor que é concreta, e “eu” e “estômago” são

apenas tentativas abstratas de explicar a dor. Quando julgo que o nazismo é ruim, é o valor “mal” que é concreto, e “eu” e “Hitler” são apenas tentativas abstratas de explicar o mal. Agora todos esses tipos de intencionalidades concretas implicam-se mutuamente. Nada é conhecido sem ser experimentado e avaliado, nada é experimentado sem ser conhecido e avaliado, nada é avaliado sem ser conhecido e experimentado. Isto é o que torna o “Lebenswelt” concreto: que ele seja uma rede de intencionalidades que relacionam experiências, conhecimentos e valores. Que dá significado, (“Sinngabung”), para abstrair sujeitos e objetos. Resumindo: o que é concreto sobre o “Lebenswelt” é que ele é intencional. Tal “Schau” tem conseqüências enormes. Algumas das quais já ocorreram, e a maioria delas provavelmente ainda não foi realizada. A conseqüência negativa é que a luta metafísica “eterna” entre realismo e idealismo acabou. Entre as conseqüências positivas mencionarei apenas algumas, que me parecem fundamentais. (a) A atitude da ciência mudou. Não tenta mais “decifrar” o mundo objetivo, mas está ciente do fato de que é a intenção científica que estrutura o mundo objetivo. “Se os objetos não se comportassem de acordo com regras científicas, eles não seriam objetos”. (b) A ciência tornou-se consciente de que não existe tal coisa como “conhecimento puro”, “ciência pura”. Essa ciência implica experiência e valores, que há um lado “artístico” e “político” para cada proposição científica. E que essa co-implicação de conhecimento, experiência e valores é precisamente o que é concreto sobre a ciência, sua “intencionalidade pura”, seu “Sinngabung”. (c) As artes saem de seu isolamento esplêndido em guetos glorificados, e agora aceitam suas responsabilidades no campo do conhecimento e dos valores. Aceitam suas responsabilidades epistemológicas e políticas, porque assumem sua “intencionalidade pura”, que é dar sentido (não apenas experiência, mas também conhecimento e valores). O fatal divórcio moderno entre as artes e a tecnologia está quase no fim. (d) O pensamento político está mudando. Está se tornando consciente do estreito vínculo entre estruturas políticas, pensamento e ação científica e expressão artística. Mas terei que dizer mais sobre isso em uma consideração posterior.

Há uma dificuldade em tudo isso, no entanto: o “Schau” ao qual eu estava me referindo não é facilmente alcançável. Quando olhamos para nós, não são intencionalidades puras que vemos, mas coisas como mesas. E quando olhamos “para dentro”, não são as intencionalidades puras que encontramos, mas algo como uma mente, uma identidade, um “eu”. Claro: sabemos que estamos enganados. Sabemos que a mesa nada mais é do que um campo eletromagnético e gravitacional que se comporta de acordo com as “nossas” equações. Sabemos que a mente nada mais é do que uma espécie de processamento de dados que podemos simular nos computadores. Ainda assim: apegamo-nos à crença na realidade de mentes e tabelas. Isto é assim, porque o nosso “Lebenswelt” é coberto por espessas camadas de preconceito (julgamentos prévios), que nos fazem acreditar em objetos e sujeitos. É necessário remover essas camadas, para “reduzi-los”. Os objetos devem ser

libertos dessas camadas, para mostrar o que realmente são: pontos abstratos aos quais intento, (redução fenomenológica). E "eu" deve ser liberto dessas camadas para mostrar o que eu realmente sou: um ponto abstrato do qual radiam intenções, ("redução eidética"). Uma vez que libertei o Lebenswelt dessas camadas, eu posso ver o mundo como um puro e concreto campo de relações. Para fazer isso, devo de algum modo me afastar de todos esses preconceitos, devo de algum modo transcendê-los. Não acredito, quanto a mim, que Husserl tenha mostrado como posso fazê-lo. ("Redução transcendental"). O que ele parece defender é uma espécie de catarse. Algo como suspender todos os julgamentos, mantendo a boca fechada. "Epoche". Neste meu silêncio, nesta pausa, o Lebenswelt começará a falar por si mesmo: "Zu Worte kommen lassen". Essa atitude de silêncio é a atitude fenomenológica em relação ao mundo. O que não significa que todos os julgamentos anteriores (toda a história anterior da ciência, da política e das artes) sejam abolidos. Significa apenas que eles estão suspensos ("colocados entre parênteses"), e que, uma vez que o mundo tenha "falado", (uma vez que tenha mostrado o que é), os julgamentos suspensos podem ser aplicados a ele, para ver como eles aguentam o teste. Assim, "epoche" não é uma negação de julgamentos prévios, mas um teste. Sendo assim, é uma renovação radical do conhecimento, experiência e valores prévios.

No entanto, o que é mais radical em tudo isso é, na minha opinião, a nova visão, "Schau", da existência humana. Deixe-me colocar desta forma: a luta antiga entre idealismo e realismo no campo do conhecimento tem uma contrapartida igualmente antiga no campo da política (no sentido grego de "arte para governar uma polis"): o que tem precedência, o homem ou a sociedade? Ou: o homem é uma função da sociedade ou a sociedade é uma função do homem? O homem é "bom", se é bom para a sociedade, ou a sociedade é "boa" se é boa para o homem? O fenomenológico "Schau" acabará com esse problema "eterno", que leva, por um lado, ao individualismo absoluto e, por outro, ao coletivismo totalitário. Sob uma visão fenomenológica, a sociedade será vista como uma rede composta de relações intencionais intersubjetivas. Os nós na rede são o que costumavam ser chamados de "indivíduos" antes de Husserl. Pode-se ver que eles não são nada concretos: se a rede é desatada, eles desaparecem. Não pode haver tal coisa como um "eu" que não esteja relacionado. Na verdade: eu sou a soma das minhas relações. Pode igualmente ser visto que não existe tal coisa como "uma sociedade". Se os nós estiverem desatados, a rede entrará em colapso e desaparecerá: ela sai dos nós. "Eu" e "sociedade" são extrapolações abstratas de relações intersubjetivas concretas. E essas relações são intencionais, elas "significam". Agora, uma vez que essa visão do caráter intersubjetivo do indivíduo e da sociedade é digerida, ela deve levar a um novo tipo de pensamento político. Uma vez aceito que o indivíduo é uma função da sociedade, a sociedade uma função do indivíduo e que ambas são abstrações de intencionalidades

puras, será óbvio que a política não diz respeito ao indivíduo ou a sociedade, mas diz respeito às relações intersubjetivas. Eu sugiro que isso esteja de fato aceito, embora não por políticos, mas por cientistas, engenheiros e artistas. A visão de uma futura intersubjetividade que percorre os canais da telemática, essa visão “universalmente dialógica”, às vezes chamada de “sociedade da informação”, parece-me uma consequência da visão de Husserl, embora, é claro, desconhecida para aqueles que a preparam.

Husserl era de origem judaica, mas parece não haver nada especialmente judaico sobre ele. A menos, é claro, se consideramos sua “epoché”, essa tentativa de se afastar do Lebenswelt e ficar em silêncio, para que ele possa falar por si. Há algo profundamente insatisfatório, místico sobre isso. É, de fato, uma atitude religiosa, e pode ser considerada uma religiosidade judaica (embora Husserl provavelmente discorde que o seja). É muito parecido com a atitude que caracteriza o sabath. E suspeito que os místicos judeus, com algumas reservas, aceitariam Husserl como um deles, o que é um paradoxo digno de consideração. Os pensamentos que apresentei aqui não são, obviamente, uma tradução objetiva dos escritos de Husserl. Como eles poderiam ser, se a “objetividade” no sentido tradicional é precisamente o que Husserl pretende destruir? O que fiz aqui foi um relato sobre o impacto que Husserl causou nos meus pensamentos, nas minhas experiências e nos meus valores. Meu relato é intersubjetivo. Mas espero que não seja subjetivo. Espero que muitos possam se reconhecer nele. E que possam reconhecer o impacto que Husserl teve sobre eles, mesmo que nunca o tenham lido. Esta é, creio eu, a marca da grandeza: Husserl está mudando mesmo aqueles que não sabem que ele existiu.